
**PARA TODAS, TODES E TODOS:
O FEMINISMO EM COMUM DE MARCIA TIBURI¹**

For everyone: Marcia Tiburi's feminism in common

Ruan Fellipe Munhoz²
José Veranildo Lopes da Costa Junior³
Alba Krishna Topan Feldman⁴

TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2018.

Feminismo é uma dessas palavras odiadas e amadas em intensidades diferentes. Assim como há quem sistematicamente rejeite a questão feminina, há quem se entrega a ela imediatamente. Talvez seja o momento de parar e perguntar por que há pessoas que temem o feminismo e por que há outras tantas que depositam todas as fichas nele.

Marcia Tiburi

Feminismo em comum: para todas, todes e todos é uma obra publicada por Marcia Tiburi, em sua primeira edição, em janeiro de 2018. A referida autora é

¹Esta resenha é uma homenagem à Professora Debora Diniz, da Universidade de Brasília. Devido a sua atuação em torno dos direitos reprodutivos das mulheres, Debora foi obrigada a sair do Brasil para preservar sua vida. Ela é vítima da ignorância, do fundamentalismo religioso e do conservadorismo brasileiro.

²Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá. Contato: ruan_munhoz@hotmail.com

³Professor de Literaturas Hispânicas no Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Contato: jveranildo@hotmail.com

⁴Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/São José do Rio Preto) e docente da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Contato: profa.alba@gmail.com.

uma reconhecida filósofa brasileira, com atuação nos estudos contemporâneos em questões ligadas à filosofia prática, como ética, vida, corrupção, biopolítica, democracia e feminismo. Concluiu o doutorado em Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1999. Realizou também pesquisa de pós-doutorado no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas e, atualmente, é professora do curso de Filosofia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Ademais, candidatou-se ao cargo de Governadora do Estado do Rio de Janeiro nas últimas eleições, concorrendo pelo Partido dos Trabalhadores.

A trajetória acadêmica e de vida de Marcia Tiburi perpassa questões centrais para o pensamento filosófico contemporâneo, como democracia e feminismo. Nesse sentido, considerando a sua atuação em dois temas fundamentais e de interesse público, Tiburi tem se dedicado à escrita de livros indicados para leitores comuns, para além daqueles que transitam pelas universidades brasileiras. Desse modo, *Como conversar com um fascista* e *Feminismo em comum*, por exemplo, são obras que se caracterizam pela abordagem didática dos temas retratados.

Em *Feminismo em comum*, objeto desta resenha, Marcia Tiburi indica, já no título da obra, que esse livro é direcionado para todas, todes e todos. Não se trata de uma discussão exclusiva para mulheres. Portanto, há o interesse de que outros sujeitos, como homens, por exemplo, tenham acesso ao conteúdo do livro e façam uma reflexão sobre o que significa o feminismo no âmbito da vida social. Por isso, no tópico final do livro, intitulado *Pensar juntas, juntes e juntos*: por um feminismo em comum, Marcia Tiburi advoga que:

A transformação da sociedade precisa ser pensada rumo a uma vida melhor para todas as pessoas. Isso implica pensar outro projeto. Outra política, outro poder, outra educação, outra ética, outra economia. O feminismo é o campo teórico e prático que pode construir uma política com outros referenciais: a natureza, o corpo, o cuidado, a presença, a vida digna (TIBURI, 2018, p. 124).

Ao utilizar-se de termos da ecologia, Marcia Tiburi parece considerar um eco-feminismo capaz de desestabilizar o capitalismo e o projeto político em vigor na atualidade. Trata-se de um projeto político em que o homem é visto como mero produtor, como uma máquina, e o seu valor encontra-se relacionado a sua capacidade de produção capitalista. A filósofa brasileira, por outro lado, sugere a construção de uma nova política que só é possível através do desenvolvimento de um feminismo em comum: para todas, todes e todos, pois apenas a luta feminista é capaz de concretizar o desejo pleno de igualdade entre os seres humanos.

Semelhante à estrutura de *Como conversar com um fascista*, Marcia Tiburi articula o livro em dezessete tópicos. São textos curtos que, a partir de uma linguagem de fácil acesso, tentam simplificar as questões que dizem respeito ao feminismo contemporâneo para leitores comuns. A didatização do livro é uma estratégia utilizada para promover a reflexão sobre temas importantes para o feminismo na vida cotidiana, aproximando filosofia e sociedade. Por isso, a autora afirma que

O feminismo deve ser pensado e analisado e, a partir daí, potencializado na prática. Do contrário, corre o risco de não chegar aonde poderia. Impulsos indignados o movem e, na contramão, outros impulsos também tentam destruí-lo (TIBURI, 2018, p. 09).

Nesse contexto, Marcia Tiburi indica que o feminismo não pode ser uma linha teórica, mas, baseado no pensamento e na crítica, precisa ser potencializado na prática e no dia a dia. Por isso, a autora sugere a construção de um projeto coletivo de um mundo melhor, cujas bases de sustentação encontram-se na igualdade, pois “assim como não deve haver hierarquias de opressão, não deve haver hierarquias de luta” (TIBURI, 2018, p. 119). Diante disso, fica evidente a ideia de que todas as pessoas podem, considerando o seu lugar de fala, enfrentar as opressões contra mulheres, sem fazer com que elas percam o protagonismo dessa luta. Nesse sentido, é preciso ressaltar que em nenhum momento a autora retira o protagonismo da mulher na luta feminista. Contudo, entende que o feminismo deve ser uma pauta de todas, todes e todos, já que um dos objetivos do feminismo é a construção de uma sociedade igualitária, de inclusão e que desestabilize as noções hierárquicas e tradicionais de gênero.

Necessário enfatizar que a obra aqui resenhada estabelece um movimento de interação com o mundo social, mas também se desenvolve com base na história e na caminhada de luta feminista. Por esse viés, entendemos que esse texto não existe por si só, mas é carregado de palavras, pensamentos, reflexões e discussões compartilhadas através da vivência de Marcia Tiburi e da sua inserção no mundo e na esfera social. No interior dessa obra, a noção de feminismo é construída pelo diálogo e pelo compartilhamento de saberes com outras vozes, tais como: Achille Mbembe, Audre Lorde, Christine de Pizan, Emma Goldman, Geneviève Fraisse, Judith Butler, Michel Foucault, Nicole Loraux, Silvia Federici e Vilma Piedade, além de todas as referências implícitas.

Por fim, por tratar dos principais temas dos estudos feministas, muitas vezes já discutidos, poderíamos nos perguntar se esgotamos a discussão proposta. A princípio essa questão poderia nos levar a uma resposta acerca da impossibilidade de produção de novos conhecimentos e saberes. Porém, o que

acontece na obra de Tiburi foge dessa constatação um tanto quanto melancólica, uma vez que apresenta uma maneira diferente de abordagem de um tema. A repetição gera uma apropriação e, dessa forma, cria uma nova expressão de um mesmo assunto, faz com que o autor se torne proprietário do que está sendo discutido.

Nesse sentido, diferentemente do que poderia se imaginar, a obra pouco volumosa e a linguagem acessível não faz dela um produto de menor valor. Muito pelo contrário. Por meio da crítica apurada dos movimentos feministas, Tiburi promove a reflexão das leitoras e leitores de diferentes formações, idades, classes sociais, expectativas: o caminho mais prático e eficaz para promover mudanças na estrutura da sociedade que privilegiarão todos os seus membros, não apenas as mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TIBURI, Marcia. *Como conversar com um fascista*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

Data de recebimento: 20 dez 2018

Data de aprovação: 10 maio 2019